

E nós? Para onde vamos?

Willian Alberto de Aquino Pereira

Eng. civil, mestre em ciências, diretor da Sinergia Estudos e Projetos Ltda., membro do Conselho do Instituto Brasileiro de Administração Municipal - Ibam
E-mail: sinergia@transporteideias.com.br

Wallace Fernandes Pereira

Eng. civil, mestre em ciências, diretor da Sinergia Estudos e Projetos Ltda.
E-mail: sinergia@transporteideias.com.br



O ataque cardíaco, denominação popular para o infarto do miocárdio, atinge e mata pessoas diariamente em todo o mundo, acometendo duas em cada 1.000 pessoas por ano, sendo a maior causa de morte súbita em adultos (aproximadamente 1/3 dos casos são fatais).

Em situações normais, o sangue é bombeado pelo coração e circula, através das artérias e veias, irrigando todos os tecidos do corpo, inclusive o próprio coração. No infarto do miocárdio, há uma interrupção ou diminuição do fluxo de sangue para o coração, levando a uma redução acentuada da quantidade de oxigênio que chega ao músculo cardíaco. Quando o coração não recebe oxigênio em quantidade suficiente ocorre lesão da musculatura e, dependendo do tempo de duração deste bloqueio, uma parte do coração morre e pára de funcionar.

O infarto do miocárdio é a morte de um segmento do músculo cardíaco, determinada pela interrupção brusca da corrente sanguínea numa das artérias coronárias nutridoradas do coração. Existem algumas causas que levam a esta obstrução, sendo a principal delas o acúmulo de gordura na parede das artérias, formando verdadeiras placas, as quais podem vir a obstruir o vaso e impedir o fluxo de sangue a partir daquele local. Essa obstrução normalmente ocorre quando a placa se rompe e a ela agregam-se plaquetas, formando um coágulo (trombo) e bloqueando a artéria.

Não há uma causa única para as doenças cardiovasculares, mas existem fatores que aumentam a probabilidade de sua ocorrência, os chamados fatores de risco. Os fatores de risco cardiovasculares, especificamente, são as condições ou os hábitos que agridem o coração ou as artérias, dentre os quais a hipertensão arterial, as dislipidemias, o tabagismo, o diabetes *mellitus*, o estresse, o sedentarismo, a obesidade, a alimentação gordurosa e a hereditariedade, entre outros.



www.antp.org.br

Você provavelmente conhece muitas pessoas que estão enquadradas nestes grupos de risco! São bem parecidas conosco! O risco dessas pessoas morrerem de infarto é muito grande. Mas o que elas, você ou eu estamos fazendo para mudar a nossa vida e diminuirmos nosso risco? O que estamos fazendo para que não morramos de infarto?

Se este trecho lhe incomodou veja uma outra face da mesma moeda. As cidades estão ficando bloqueadas, a sociedade não muda seus hábitos e os que deveriam curá-la não estão dando tratamento adequado. O que estamos fazendo para mudar a vida da nossa cidade? O que estamos fazendo para que a nossa cidade não morra de infarto? O que estamos fazendo para que a mobilidade dos nossos filhos não seja limitada por causa dos congestionamentos urbanos, como acontece com muitos que sofrem um acidente vascular cerebral e ficam presos a uma cama, a uma cadeira de rodas? Ficaremos imobilizados em carros da mesma forma que alguns ficam imobilizados ou com menor mobilidade por seqüelas de doenças? Queremos ter nossos filhos imobilizados nas ruas como se estivessem com a mobilidade restringida por um AVC?

Estaremos vivendo este ano um momento muito importante para nossos filhos. Não coloquemos as coisas no impessoal! Não digamos que estamos pensando na sociedade! Sejam realistas: pensemos primeiro em nós mesmos, depois nos nossos e só então nos demais! Se você pensar na coletividade, melhor, mas mesmo sendo egoísta procure uma solução!

Neste ano temos campanhas para prefeitos e vereadores em todo o Brasil. Muitas pessoas vão dizer que existem muitos temas prioritários e que, de alguma forma, as pessoas podem se deslocar em seus automóveis e que isto não as incomoda. Claro, pois elas só estão pensando nelas mesmas! Muitos dirão que existem prioridades na segurança, na educação, na saúde, nos empregos etc! Mas olhe o fluxograma esquemático da próxima página.¹ Veja que, sem mobilidade, tudo isto que se deseja priorizar fica quase impossível de se atingir, ou só a custos socialmente muito elevados.

A sociedade mudou, a cidade mudou, a economia mudou, os meios de transporte mudaram! E nós ainda pensamos igual ao passado?

O investimento no transporte público tem alto interesse social, econômico e estratégico, podendo mudar a qualidade de vida e a eficiência de uma cidade:

- no campo social, o transporte público de qualidade aumenta o acesso aos empregos, aos serviços sociais, ao comércio, à cultura e ao lazer;
- no campo econômico, o transporte aumenta a oferta de empregos e as trocas comerciais;

1. Wallace Fernandes Pereira. O uso de sistemas inteligentes para o aumento da eficácia do transporte público por ônibus: o sistema de bilhetagem eletrônica. Rio de Janeiro: PET/Coppe/UFRJ, outubro 2007.



- no lado ambiental, o transporte adequado ajuda a reorganizar o espaço urbano e a reduzir o uso do automóvel, causando menor poluição atmosférica;
- investimentos no transporte e trânsito poderão reduzir os custos econômicos dos deslocamentos, mesmo com uma frota crescente de veículos particulares.

É fundamental mudar a política centrada no uso do automóvel, com conseqüente quadro de exclusão social e de abandono do transporte público; a retração constante de receitas (a ineficiência das cidades brasileiras é um entrave para a atração de novos investimentos); a redução de produtividade e competitividade; a segurança no trânsito comprometida (os mortos e feridos no trânsito chegam a cifras equivalentes às da violência urbana e superiores às de conflitos bélicos internacionais).

É imprescindível que seja abordada a questão da pobreza urbana e seus reflexos sobre os transportes de passageiros. A má distribuição de renda gera uma urbanização desequilibrada (isso é componente básico de qualquer política do setor público e tem impactos decisivos sobre as taxas de mobilidade no transporte de passageiros, desde o ônibus até o avião, mas sempre passando pelos automóveis). O quociente entre a renda média dos mais ricos e a dos mais pobres faz do Brasil um país de forte desigualdade e a maior mobilidade urbana pode contribuir fortemente para reduzir esta chaga em nossa sociedade.

É imperioso ter mobilidade para todos; investimento permanente no transporte público; barateamento das tarifas para inclusão social e um



www.antp.org.br

transporte público com desenvolvimento tecnológico e respeito ao meio ambiente.

Apresenta-se um elenco de atuações que, independente dos níveis de governo e sem se questionar de quem é a culpa por não terem já sido adotadas, deveria ser seguido em curto prazo para melhorar as nossas cidades e sua área de entorno:

1. É fundamental que se consiga um transporte coletivo integrado e de qualidade.
2. Nas cidades ou corredores em que não existem transportes metro-ferroviários ou hidroviário, manter as velocidades de deslocamento e melhorar a velocidade do transporte público de superfície é uma das formas de se atingir este transporte de qualidade.
3. Aumentar a superfície e a qualidade do espaço urbano dedicado aos pedestres é outra questão prioritária.
4. Aumentar o número de lugares para estacionamento e melhorar sua qualidade.
5. Melhorar a informação e a formação da cidadania e a sinalização da via pública.
6. Conseguir uma regulamentação adequada à mobilidade da cidade.
7. Aumentar a segurança viária e o respeito entre os usuários dos diferentes modos de transporte.
8. Promover o uso de combustíveis menos poluentes e o controle da poluição causada pelo tráfego.
9. Incentivar o uso da bicicleta como modo habitual de transporte.
10. Conseguir uma distribuição urbana ágil e ordenada de mercadorias.

Transporte não é um fim em si mesmo, mas apenas uma forma da sociedade atender a seus interesses econômicos e sociais. Não vamos procurar os culpados pelo que não foi feito, mas procurar aproveitar este momento para conscientizar a importância da mudança para que não infartemos nossas cidades e levemos nossos filhos a uma imobilidade similar a muitos que ficam com seqüelas em casos de acidente vascular cerebral.

Falar de mobilidade e igualdade social não é mais limitar-se aos deslocamentos, mas questionar globalmente a política de habitação, a sociologia urbana, as opções a longo prazo de desenvolvimento...

Mostremos isso aos candidatos a prefeito e vereadores em todas as nossas cidades. Não deixemos essa oportunidade passar. Eu também tenho e uso automóvel, mas se tivesse um bom sistema de transporte público com certeza o usaria de forma menos egoísta!

QUE CIDADE VOCÊ QUER PARA SEUS FILHOS?
AUTOMÓVEL: USE-O COM MODERAÇÃO